

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i33.4230>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



“IN THE ZONE”: METÁFORA E PERCEPÇÃO IMAGINATIVA NA LIDA HABILIDOSA

“In the zone”: metaphor and imaginative perception in skillful coping

Diogo Gurgel
UFF

Resumo: Em artigos recentes, Shaun Gallagher e colaboradores estabeleceram uma abordagem segundo a qual metáforas enativas diferem de metáforas linguísticas ao integrarem um *know-how* habitual, não representacional, o qual pode ser caracterizado nas bases do ver-como (*seeing-as*). No presente trabalho, eu examino a contribuição dessa abordagem não apenas para uma teoria contemporânea da metáfora, mas também para a elucidação dos modos de atuação de metáforas na lida habilidosa. Minha posição é de que o modelo não dá conta de situações em que a excelência da ação exija habilidades de ajuste e de transformação *online* dos modos de percepção e do acoplamento com o ambiente. Buscando uma via alternativa, proponho um modelo de percepção imaginativa que comporte a atuação *online* de esquemas e imagens mentais nas bases da abordagem simulacionista e multimodal de conceitualização desenvolvida por Lawrence Barsalou.

Palavras-chave metáfora; enativismo; ver-como.

Abstract In recent papers, Shaun Gallagher and collaborators have established an account according to which enactive metaphors differ from linguistic metaphors in that they integrate an habitual, non-representational *know-how* that can be characterized on the basis of (*seeing-as*). In this work, I examine the contributions of this approach not only to a contemporary theory of metaphor but also to an elucidation of the ways metaphors work in skillful coping. My claim is that this model cannot cover situations in which the excellence of action requires skills in *online* adjustment and transformation of forms of perception and of coupling with the environment as well. Looking for an alternative way, I offer a model of imaginative perception that involves the *online* performance of schemas and imagery on the basis of the simulationist and multimodal approach to conceptualization developed by Lawrence Barsalou.

Keywords: Antiquarian, Critical, Monumental, Nietzsche, History.

1. Introdução

Era uma questão de tempo para que autores adeptos do enativismo procurassem tratar de um tema tão frequentemente abordado por modelos computacionistas de cognição, e mesmo por versões mais brandas de cognição corporificada (*embodied cognition*), a saber, o tema da metáfora. Recentemente, Shaun Gallagher e colaboradores publicaram dois artigos sobre o tema (2015 e 2020) nos quais é desenvolvida uma abordagem anti-representacionista dessa que já foi conhecida como a rainha dos tropos, das figuras ornamentais de linguagem, mas que, ao longo do século XX, foi sendo melhor compreendida como um processo cognitivo *sui generis*. A ousadia da empreitada dos enativistas é considerável: seguindo o legado de uma tradição tropológica milenar, os modelos cognitivistas em geral pressupõem uma ligação íntima entre metáforas, atos de imaginação e atos volitivos, assumido que uma tal operação cognitiva clama vorazmente por um *framework* representacionista (sendo amplamente conhecida como *representation-hungry*).

Uma das peculiaridades da metáfora enativa, conforme modelo elaborado por Gallagher e Lindgren, seria seu eventual protagonismo em situações de lida habilidosa (*skillful coping*), como é o caso de performances artísticas e esportivas – situações essas que autores como Hubert Dreyfus, Michael Wheeler e tantos outros consideram como paradigmaticamente *mindless*¹. Mas, em face dessa postulação, impõe-se a seguinte questão: aplicar-se-ia o modelo a casos em que a caracterização da lida como “habilidosa” se deve à capacidade de ajustes e transformações da experiência perceptiva *on the fly* e por meio de metáforas? Poderia o modelo enativista dar conta de casos em que metáforas atuam no imprevisto e no aprimoramento autodidata da técnica?

Neste trabalho, procurarei mostrar que esse não é o caso e buscarei uma alternativa na compatibilização entre certas teorias (disponíveis dentre os recentes estudos de cognição corporificada) que admitem formas de controle cognitivo *top-down*. Após examinar a abordagem enativista da metáfora em seus méritos e deméritos, apresentarei o que acredito ser uma via mais promissora do que a abordagem de Gallagher e colaboradores para a investigação acerca dos papéis cognitivos desempenhados por metáforas na percepção e na ação. O modelo proposto encontra apoio na concepção de conceitualização esquemática e multimodal defendida por Lawrence Barsalou.

2. Metáfora enativas

No artigo “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body”, Shaun Gallagher e Robb Lindgren procuram delinear um modo performativo de cognição metafórica, o qual não envolveria regra (modelo) e interpretação da regra². Ao fazê-lo, os autores procuram fazer oposição a uma perspectiva excessivamente cognitivista para a qual a operação em jogo depende da armazenabilidade e da acessibilidade de conteúdos mentais de natureza representacional e consiste na coativação cruzada de conteúdos de diferentes domínios da experiência de modo que a estrutura de um permita a estruturação do outro. À essa perspectiva cognitivista, eles opõem uma perspectiva enativista segundo a qual metáforas poderiam ocorrer de modo não verbal, como se vê em uma brincadeira de faz-de-conta, por exemplo a de uma criança pequena – por volta dos 18 meses de idade e “with presumably limited linguistic and conceptual capacities relative to adult cognition”³ – que usa uma banana como um telefone. De acordo com os autores, tal atividade envolveria um ver-como (*seeing-as*) que não exige pensar o objeto de modo representacional⁴, mas sim o exercício de uma habilidade motora mais básica.

Em sua caracterização das metáforas enativas, Gallagher e Lindgren se apoiam na teoria do engajamento material de Malafouris, segundo o qual usar artefatos em uma mediação material envolve habilidades distintas das habilidades mediadas pela linguagem. De acordo com eles “materially enacted metaphors” (e.g., picking up a banana and pretending to use it like a telephone) are different from proposition based metaphors

¹ Atualmente, duas estratégias concorrentes de maior porte disputam o campo da cognição envolvida na lida habilidosa: a corrente do “just-do-it principle” e a corrente do “cognition-in-action principle” (MONTERO, 2016, p.14). A abordagem delineada por Gallagher, que capitanea o que chamamos de corrente “just-do-it”, é debitária da fenomenologia da lida inteiramente absorpta desenvolvida por Dreyfus. Já a abordagem delineada por autores como John Sutton e Barbara Montero, é fruto de uma reação crítica a esse posicionamento, movida, sobretudo, pela ideia de que a posição de Dreyfus e de seus entusiastas é uma *over-reaction* aos modelos computacionistas (intelectualistas), a qual se excederia ao abrir mão de todo e qualquer tipo de atuação *top-down* na lida habilidosa.

² Seu foco não é a metáfora como um todo – tudo aquilo que pode ser chamado de “metáfora” –, mas certos casos que prescindem de expressão verbal (podendo mesmo não encontrar correlato linguístico) e que se mostram na própria lida do agente com o ambiente.

³ GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement”. In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, p.396.

⁴ A postura anti-representacionista marca fortemente o enativismo de Gallagher. O modo como ele caracteriza a representação mental (baseando-se em abordagem proposta por Mark Rowlands) e contra o qual ele se coloca é o seguinte: representação mental seria conteúdo interno, durável (estável), simbólico, interpretável, passivamente adquirido e destacável (*decoupleable*) de contextos específicos (*offline*) (GALLAGHER, 2008, p.351-352). É a essa a definição que faremos referência ao longo desse artigo.

(e.g., producing a statement like “Time is Money” or “I feel like a million Dollars”⁶Essas habilidades requeridas pelas metáforas enativas são caracterizadas a partir do conceito gibsoniano de *affordance* (aliás, é muito frequente o recurso dos enativistas a esse conceito-chave)⁷. Segundo Gallagher e Lindgren:

The pretense process thus involves taking a perceptual (or social) affordance in a metaphorical direction. Seeing affordances in objects involves seeing beyond the mere physicality or physical presence of the object—it involves seeing possibilities for action or interaction, and this includes seeing objects as if they were involved in such actions. Rather than seeing a phone in the banana, one sees in the banana the affordance of a particular sort of action. Precisely to the extent that perception is enactive, a metaphorical dimension is always available in perception. In this respect, pretense does not have to be “a ‘higher’ mental process” (Currie 2004, p. 219). It rather stays on a perception-action level where what is seen is not so much the object (banana/phone) but the possible action (calling and talking).⁸

De acordo com eles, portanto, o modo enativo de metaforizar envolve sermos capazes de lidar com certas *affordances* (ofertas ou disponibilidades que se perfazem na interação entre organismo e ambiente) a partir de um ver-como (*seeing-as*). Há aí uma ousada tentativa de conectar o conceito gibsoniano a um conceito longamente discutido por Wittgenstein. Comentarei adiante essa estratégia. Outro ponto digno de nota nessa passagem é a atribuição de uma primazia à ação e não ao objeto na operação cognitiva. As *affordances* acionadas por metáforas enativas seriam mais relativas às ações e possibilidades de ações do que aos objetos dispostos no ambiente. Ou seja: não se trata de lembrar do telefone ao olhar para a banana, mas de ver na situação como um todo (o que inclui a banana, sua forma e posição) certas *affordances* possíveis.

Em artigo mais recente sobre a metáfora enativa, Gallagher e colaboradores afirmam que metáforas “can provide models of gestalt structures – feels and styles – rather than rigorous definitions and rules”⁹. O ponto aqui parece ser traçar uma oposição entre Gestalt (conceito anteriormente usado não só por gestaltistas, mas também por Merleau-Ponty para elucidar a experiência perceptiva) e regra (no sentido de um conteúdo com caráter proposicional). O emprego dos termos “feel and styles” é uma forma de acentuar o envolvimento da operação cognitiva com afetos, disposições e outros elementos de difícil conversão para formas proposicionais.

É interessante também notar como uma concepção enativista de imaginação se insere nessa discussão. Em artigo de 2021, Gallagher, Rucinska e Fondelli admitem uma atuação *online* (situada, sensório-motora) de imaginação, uma “explicitly embodied imagination” e relacionam a ela as metáforas enativas. No livro *Enactivist Interventions* (2017), Gallagher volta a tratar do tema e deixa mais claro o que entende por uma atuação *online*, não-representacional da imaginação, a qual daria condições para as metáforas enativas. Ele busca “offer an updated enactivist account of affordance-based imagining

⁵ Os autores são, contudo, cuidadosos em dizer que “This difference in affordance does not seem to depend on the level of abstractness of the concept” (GALLAGHER; LINDGREN, 2015, p.392).

⁶ GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement”. In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, p.395

⁷ As pesquisas de James Gibson sobre experiências visuais – publicadas em trabalhos como *The Ecological Approach to Visual Perception* (1979) – tornaram-se célebres ao defenderem de modo persuasivo que as mesmas envolvem um “direct pick up” (NOË, 2006, p.105), exigido do animal observador postura ativa na percepção do arranjo ótico do ambiente. De acordo com a psicologia ecológica de Gibson, as possibilidades de movimento do organismo e as consequentes reconfigurações do ambiente oriundas dessa dinâmica são fatores determinantes na experiência visual. Para o psicólogo, “the environment consists not only of surfaces and objects, but of ‘affordances’. Things in the environment, and properties of the environment, offer or afford the animal opportunities to do things (find shelter, climb up, hide under, etc.)” (ibid., p.105).

⁸ GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement”. In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, p.397.

⁹ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. “Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder”. In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.8.

that is more genuinely enactivist than the (simulation-based) ones offered by either Thompson or Hutto¹⁰. E, assim, volta a bater na tecla, já tocada no artigo sobre metáforas de 2015, de que “in the case of children’s pretend play, it’s not that the child first imagines X, and then playacts it out: rather, the imagination is accomplished in the playacting¹¹. É digno de nota que o “playacting” seja caracterizado, a seguir, como prática imaginativa de “expansion of the affordance space or the landscape of affordances that belong to a form of life.”^{12,13}

Gallagher e seus colaboradores procuram afastar a metáfora enativa do modelo hegemônico da metáfora, a saber, a Teoria da Metáfora Conceitual estabelecida por Lakoff e Johnson¹⁴. De acordo com tal teoria, metáforas seriam *cross-domain mappings* – o conteúdo sensorio-motor de um domínio-fonte seria acionado na experiência de um domínio-alvo. Fazendo oposição à verve representacionista desse modelo, os enativistas afirmam que, no caso da metáfora enativa, o que ocorre é “a metaphoric transformation of the target into a source¹⁵. As coisas no ambiente se ofertariam para um agente, na percepção metafórica, na forma de *affordances* para ações. Desse modo, metáforas perceptuais não seriam conceituais e nem derivadas de metáforas conceituais.

Seria justamente esse caráter não conceitual das metáforas enativas que permitiria sua atuação na lida habilidosa (*skillful coping*). Que a discussão sobre o papel das metáforas enativas na aprendizagem seja também uma discussão sobre como metáforas podem atuar no aprimoramento da lida habilidosa é algo que fica claro quando notamos que, mais ao fim do artigo de 2015, diversos casos de ensino-aprendizagem bem-sucedidos são selecionados devido à atuação de metáforas enativas¹⁶ nos mesmos – ocasião em que o metaforizar é comparado ao encenar, como processo corporificado (*embodied*)¹⁷. E, a respeito da lida habilidosa, Gallagher se aproxima muito da concepção notoriamente defendida por Hubert Dreyfus (disparadora de um memorável debate com John McDowell). De acordo com H. Dreyfus e S. Dreyfus em “Mind over Machine” (1986): “in total absorption, sometimes called flow, one is so fully absorbed in one’s activity that

¹⁰ GALLAGHER, Shaun. *Enactivist Interventions: Rethinking the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p.193.

¹¹ GALLAGHER, Shaun. *Enactivist Interventions: Rethinking the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p.193.

¹² GALLAGHER, Shaun. *Enactivist Interventions: Rethinking the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p.194.

¹³ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. “Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder”. In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.7

¹⁴ A teoria da metáfora passou, nas últimas décadas do século XX, por um deslocamento de pressupostos que acompanhou a “cognitive turn”. George Lakoff e Mark Johnson, numa cooperação entre linguística cognitiva e filosofia, fizeram uma valiosa contribuição para a teoria da metáfora com a publicação, em 1980, da obra *Metaphors We Live By*. Algumas teses centrais da obra são: 1) a metáfora é operação cognitiva, tendo por essência “undertanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.5); 2) a oposição figurativo x literal é temerária, tendo em vista que metáforas conceituais contribuem consideravelmente para a formação de nosso sistema conceitual como um todo; 3) metáforas se organizam, em geral, em redes, com uma metáfora conceitual de base e suas ramificações na linguagem; 4) que o processo cognitivo metafórico é um processo de seleção de aspectos relevantes. Em uma versão mais recente da teoria (mais afinada com certos resultados da neurociência, os autores e seus colaboradores passaram a falar em “cross-domain mappings”, na medida em que “domains of experience are represented in the mind as concepts given as mental frames, or cognitive models. Hence we talk about conceptual metaphors. The source frame and the target frame are connected by a set of conceptual correspondences, or mappings”. (KÓVECSES, 2015, p.2)

¹⁵ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. “Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder”. In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.8.

¹⁶ Dentre eles o exemplo de um jovem aprendiz de cosmologia que pode ver a si mesmo como um asteroide com auxílio da tecnologia de “mixed reality”, por exemplo (GALLAGHER; LINDGREN, 2015, p.400).

¹⁷ GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement”. In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, p.392.

one is not even marginally thinking about what one is doing"¹⁸. Barbara Montero vê esse modelo organizado em torno da ideia central de que "experts perform at their best when their actions are effortless, intuitive, and automatic (...)"²⁰

Visando explicitar a independência da percepção e de diversos processos motores de qualquer operação que se possa caracterizar como "intelectual", enativistas como Gallagher recorrem a exemplos das práticas de atletas e artistas e, com frequência, à fenomenologia (sobretudo, à obra de Merleau-Ponty). Sobre o datilografar com expertise, por exemplo, Merleau-Ponty afirma que tal prática não envolve "estimativa rápida" ou "comparação", e que "o deslocamento dos seus dedos não é dado ao datilógrafo como um trajeto espacial que se possa descrever, mas apenas como uma certa modulação de motricidade (...)"²¹. O filósofo, conferindo autonomia à cognição sensório-motora, fala de um sentido motor o qual se dá nas bases das transposições e equivalências internas ao esquema corporal. A "praktognosia" da lida habilidosa se resolveria em um sistema de equivalências, "esse invariante imediatamente dado pelo qual as tarefas motoras são imediatamente transponíveis"²². Entretanto, como admite o próprio filósofo francês, isso nos conduz à tese de que a fonte primária, mais basilar, do "remanejamento e renovação do esquema corporal" é a "aquisição do hábito"²⁴, ou, de outro modo, a "apreensão motora de uma significação motora"²⁵. Essa também é a conclusão de Gallagher, para quem a *expertise* pode ser inteiramente performada com base no *habitual know-how*²⁶, com ênfase na percepção de Gestalten.

Veremos mais à frente como Gallagher é levado a forçar as fronteiras do *know-how* habitual para fazê-lo compatível com performances não automatizáveis, como improvisos de jazz. Mas cabe demarcar desde já que seu posicionamento anti-representacionista o leva a se alinhar com entusiastas da psicologia ecológica como Claire Michaels e Zsolt Palatinus, para quem vale o "mandamento": "thou shalt not make unto thee any mental image or likeness of anything"²⁷.

3. Críticas ao modelo

Uma primeira objeção que faço à incorporação da metáfora ao modelo do "just-do-it principle" elaborado por Gallagher e seus colaboradores é a de que esse posicionamento conduz a uma multiplicação indefinida das *affordances*. Em sua caracterização da metáfora enativa, os enativistas não esclarecem devidamente como uma *affordance* inusitada (não habitual) pode passar a ser percebida e qual é o limite para isso. Se Gallagher admite que metáforas atuam ampliando (e não meramente explorando) o espaço de *affordances* habitual, ele se põe em acordo com a concepção tradicional de que o

¹⁸ Dreyfus apud MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.106.

¹⁹ De acordo com Sutton: "At the highest stage in the 'Dreyfus model' of skill acquisition, action management and decision-making do not even appear as problems for the expert practitioner. As a result of a long history of engagement with a complex domain, 'an immense library of distinguishable situations is built up on the basis of experience' (...)" (SUTTON et al., 2011, p.89)

²⁰ MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.15.

²¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p.199.

²² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p.196.

²³ Na lida habilidosa da datilógrafa, "toda a questão é saber como uma certa fisionomia de conjuntos 'visuais' pode pedir um certo estilo de respostas motoras (...)" (MERLEAU-PONTY, 2020, p.200).

²⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p.197.

²⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p.198.

²⁶ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. "Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder". In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.6.

²⁷ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. "Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder". In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.1.

não habitual (desviante, ou impertinente) é uma marca da experiência metafórica. A experiência perceptiva de Gestalten, como vimos, é fundada no hábito. Se o enativismo à la Gallagher abre mão do lastro do hábito para dar conta do licenciamento metafórico de *affordances* inusitadas, fica sem bases para explicar o agir por *know-how* e seu modelo se torna um tanto implausível. No que Gallagher e seus colaboradores resolvem abordar o tradicionalíssimo tema da metáfora, eles também devem arcar com o ônus de oferecer respostas para questões que tiraram o sono de muitos grandes pensadores desde Aristóteles. Uma dessas grandes questões é: o que difere uma metáfora de um mero *nonsense*? Claro está que, como eles não se voltam para metáforas verbais, não lhes compete apresentar sua versão do que John Searle certa feita chamou de "set of strategies, or principles, for computing possible values of R" e de "set of strategies, or principles, for restricting the range of Rs"²⁸ – isso assumindo-se, como propõe Searle, que metáforas verbais simples tenham a forma "S é P", mas queiram dizer (*to mean*) "S é R". Entretanto, se os autores não contraem essa dívida, eles precisam explicar, ainda assim, o que se passa cognitivamente (e, de modo mais estrito, perceptivamente) quando a imaginação *online* aciona uma certa Gestalt possível (na forma de *affordance*) em detrimento de outras. De outro modo: eles não escapam ao problema da medida da relevância segundo a qual se dá a seleção de aspectos, os "highlightings and hidings" promovidos pela própria da metáfora²⁹ – questão essa que assola todos aqueles que se debruçam sobre o tema.

Uma segunda objeção pode ser desenvolvida a partir das seguintes indagações: Como o modelo enativista aborda a atuação de metáforas em lidas cuja classificação como "habilidosas" (*skillful*) dependem de uma demonstração de eficácia de ajuste perceptivo (aperfeiçoamento técnico) ou mesmo de alteração *online* de foco atencional por parte do agente? Como pode se dar a reestruturação do campo perceptivo (de que falam os gestaltistas) em casos de improvisação de curso de ação e autodidatismo, por exemplo, se o único lastro da lida habilidosa é o *know-how* habitual? De acordo com o modelo *just-do-it*, a lida habilidosa envolvendo metáforas enativas deveria ocorrer em um estado inteiramente absorto, *mindless*, do agente. Contudo, diversos autores já reuniram bons argumentos para a defesa da tese de que, contra Dreyfus, Gallagher e companhia, muitos são os atos de expertise que requerem atuações *top-down* ou, nos termos de Barbara Monteiro e colaboradores, "controle cognitivo"³⁰. Contra a proposta de redução de todas as operações cognitivas da lida habilidosa a uma questão de hábito, insinuam-se com veemência uma série de contraexemplos. Em trabalhos recentes dos referidos autores, são mencionados inúmeros casos de artistas e atletas de alta performance que buscam "aplicar inteligência aos reflexos" para aprimorar suas práticas – seja para eliminar pequenos maneirismos de movimento que diminuem a precisão e a eficácia das performances (os chamados "ghost gestures"³¹), seja para controlar o sufocamento por ansiedade³², ou, ainda, para "coordinating or often re-setting and rechunking patterns of movement or affect or mood" em suas rotinas corporais multimodais por meio de componentes verbais

²⁸ SEARLE, John. "Metaphor". In: JOHNSON, Mark (Ed.). *Philosophical Perspectives on Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011, p.274.

²⁹ LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003, p.10.

³⁰ Em artigo de 2014, Barbara Monteiro e colaboradores usam a expressão "controle cognitivo" para fazer referência às funções do sistema cognitivo que permitem às pessoas a regulação de seus comportamentos de acordo com metas e planos de ordem superior (MONTERO et al, 2014, p.3). Eles entendem que formas de controle cognitivo podem ocorrer tanto em treinamentos e rotinas pré-performance quanto na própria performance e reúnem uma série de estudos sobre a expertise nos esportes que trazem evidências de que "without self-awareness an athlete misses important cues that can lead to a positive change in performance" (MONTERO et al, 2014, p.12).

³¹ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. "Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes". In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.94.

³² MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.75.

denominados "cutucadas instrucionais" (*instructional nudges*)³³³⁴. Muitos são os relatos coletados e experimentos realizados em que fica patente a preocupação de certos tipos de *experts* em evitar a "interrupção de desenvolvimento" causada pela automatização dos movimentos³⁵. Metáforas, de acordo com a abordagem que proponho, podem (e, eventualmente, devem) participar desses modos de controle cognitivo.

Em *Thought in Action*, Barbara Montero reúne alguns bons exemplos de relatos de artistas e atletas de alta performance que contradizem a concepção defendida por Dreyfus (e encampada por Gallagher, como vimos) da absorção total do agente durante a lida habilidosa³⁶. Dentre os muitos exemplos fornecidos, gostaria de destacar dois que saltam aos olhos por conta de seu comprometimento com metáforas do tipo que nos interessa aqui. Montero nos apresenta o caso do tenista profissional David Breitkopf, o qual descreve, em seu relato, uma curiosa forma de controle cognitivo desenvolvido para aumentar sua eficácia nas quadras: "When I was growing up as a tennis player, we used to call it 'treeing': that is, you're playing above your head. When I was 'treeing' I would certainly be thinking". O tenista emprega a metáfora do "arvoreamento" (*treeing*) para expressar uma técnica cognitiva de se colocar acima da situação, com visão privilegiada – uma espécie de percepção imaginativa que se constitui como simulação da visão em terceira pessoa. De acordo com Montero, "it is the means to arrive at a state where thinking can be more fluid, a state of optimal performance, or what is frequently referred to as being 'in the zone'³⁷. Ou seja: trata-se de uma espécie de atuação imaginativa que é *online* e acionável por um ato volitivo e que permite ao agente perceber a si mesmo em uma configuração sensório-motora que o deixe mais capaz e mais confiante (dada a simulação de visão panorâmica de seu corpo e da quadra, evitando o sufocamento pela ansiedade ("choking under pressure").

Um outro exemplo que segue a mesma linha pode ser encontrado na declaração do violinista Arnold Steinhardt, membro do tradicional Guarneri Quartet, sobre performances coletivas:

When a performance is in progress, all four of us together enter a zone of magic somewhere between our music stands and become conduit, messenger, and missionary. In playing, say, the cavatina of Opus 130, we join hands to enter Beethoven's world, vividly aware of each other and our objective performance responsibilities, and yet, almost like sleepwalkers, we allow ourselves to slip into the music's spiritual realm . . . To label the stage a zone of magic sounds poetic, but it is also our work area. In the next two hours we will expend a significant amount of energy slaving over our individual instruments³⁸.

³³ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. "Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes". In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.93.

³⁴ Em artigo publicado em 2014, Montero e colaboradores afirmam, sobre o uso da linguagem durante a performance esportiva, que "although these forms of 'instructional nudges' might act as a prophylactic against the potentially deleterious consequences of performance pressure they might also prevent the mind from wandering to unwelcome places" (MONTEIRO, B.; TONER, J.; MORAN, 2014, p.141). Esses estudos sobre "instructional nudges" e sua função na ordenação de "single holistic process goal" (versus "single part process goal"), permitindo aos agentes "tone and reshape their grooved routines" (ibid., p.13), abrem caminho para a hipótese de que metáforas verbalmente expressas ou exprimíveis também apresentem essa característica holística em sua atuação *top-down*.

³⁵ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. "Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes". In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.95.

³⁶ MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.105.

³⁷ MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.162.

³⁸ MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.50.

Em ambos os casos, os empregos dos termos “zona” e “treeing” são empregos metafóricos, na medida em que temos estados anímicos (ou, ao menos, algo não espacial) sendo caracterizados em termos espaciais. E o modo como os agentes as empregam indica que tais metáforas sirvam não somente para descrever, mas, sobretudo, para instaurar transições entre arranjos sensório-motores. Um arranjo como o expresso por Steinhart não pode ser tomado como meramente ficcional ou como uma questão de estilo, posto que a “zona” é, como diz o violinista, a “área de trabalho” daqueles músicos. Um caso similar: um músico de jazz que não consiga, por exemplo, alterar de improviso o seu arranjo perceptivo de tonalidade, no momento em que um parceiro faz uma modulação, simplesmente deixa de participar do mesmo ambiente perceptivo (da mesma situação) que os demais.

Do modo como compreendo, haver ou não haver uma verbalização na lida do *expert* está longe de ser o cerne da questão. O ponto fundamental da disputa entre os defensores do que Montero chama de “just-do-it principle” e os defensores do “cognition-in-action principle” é se são ou não são validadas operações cognitivas híbridas (ou de borda) entre a percepção bruta (*raw*) e a conceitualização *full-fledged*. Esse estatuto híbrido do ver-como é renitentemente explorado por Wittgenstein em seus apontamentos gramaticais sobre nosso vocabulário psicológico – elemento que Gallagher e seus parceiros simplesmente não levam em conta em seu emprego do conceito. Note-se que a própria oposição entre “enactive metaphors” e “sitting metaphors” (que também é uma oposição entre processos *online* e *offline*) é traiçoeira. Vimos que, ao empregá-la no contexto do estudo sobre as metáforas, Gallagher e Lindgren procuram distinguir não dois tipos de metáforas – posto que admitem que muitas metáforas que podem ser “acted out” podem também ser expressas proposicionalmente –, mas uma diferença no que nós podemos fazer com elas, uma diferença entre tipos de *affordances*³⁹. Todavia, esse modo de colocar as coisas estabelece um grande obstáculo para o estudo de possíveis operações cognitivas híbridas (parte perceptuais, parte conceituais), que possam porventura atuar em situações de lida habilidosa. É mesmo sintomático que Gallagher e Lindgren se apropriem de modo assaz descuidado do conceito de ver-como (tão longamente trabalhado por Wittgenstein), forçando-o exclusivamente para o lado da cognição básica⁴⁰.

Recentemente, certas objeções como as que foram apresentadas acima levaram Gallagher a admitir que seu modelo enativista precisa lidar com o problema da expertise marcada por habilidades de ajustes *on the fly*. Mas teria seu mais recente modelo de enativismo radical – o qual tem como um de seus pilares a ideia de que o cérebro é um órgão de ressonância de fatores ambientais e corporais e não um órgão de representação – recursos para dar conta de certas formas de expertise, como a do improviso de jazz? Em artigo publicado em coautoria com Ryan Jr., Gallagher concede que qualquer modelo que se limite à covariação ou ressonância do tipo isomórfica padecerá para lidar com casos assim. Dizem os autores: “a purely isomorphic analysis runs into problems with its focus on matching resonant patterns in cases where one-to-one mapping is either impossible or

³⁹ GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. “Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement”. In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, p. 392.

⁴⁰ Em suas investigações gramaticais acerca dos usos do verbo “ver” e cognatos (em franco diálogo com a psicologia da Gestalt), Wittgenstein nos mostra que os usos (em inglês e alemão) de expressões como “ver X como Y” (*sehen als; seeing as*), “notar uma semelhança”, ou “ver um aspecto” nos fornecem uma série de evidências linguísticas de que, com alguma frequência, aquilo sobre o que falamos não é experienciado de forma puramente perceptual e nem tampouco de forma puramente conceitual. Ele afirma que “há aspectos que são determinados principalmente por pensamentos e associações, e outros que são ‘puramente óticos’, que entram em cena e variam automaticamente, quase como imagens residuais” (WITTGENSTEIN, 1980, I, §970; WITTGENSTEIN, 2006, PI II, xi, §140). Lamenta também que gestaltistas como Köhler não tratem de casos em que o aspecto “ao menos até certo grau, está submetido à vontade” (WITTGENSTEIN, 1980, §971). Wittgenstein admite também a existência de um certo tipo de ver-como que envolve atos imaginativos. Como quando vemos um triângulo escaleno desenhado em uma folha como caindo em uma certa direção (WITTGENSTEIN, 2006, PI II, xi, §217). Ou ainda: quando escutamos uma sequência de sons como uma variação de um tema musical (ibid., PI II, xi, §254; §260).

not preferable⁴¹. Os autores entendem que situações de improviso envolvem mais que o mero acionamento de um *know-how* básico e concedem a autores representacionistas, como Shepard e Nussbaum, o ponto de que “degraded and ambiguous inputs immediately reveal the extent to which information extraction depends on pattern completion⁴². Isso posto, seu esforço consiste em aperfeiçoar o modelo da ressonância de modo que ele não requiera “internal representations and constructive procedures that operate over these representations” para contemplar satisfatoriamente situações de improviso habilidoso. Nesse passo, eles admitem que o enativismo, para dar conta das escolhas e antecipações típicas do improviso, precisa trabalhar com uma versão complementarista de ressonância (que admita um preenchimento dos estímulos e *affordances* ambientais por *loops* multimodais da mente), mas sem abrir espaço para imagens mentais e associações por semelhança. Como alternativa, os autores recorrem ao modelo da ressonância dinâmica metaestável em múltiplas dimensões (“the brain can move into multiple different stable patterns of activation that are dependent on the specific dynamics of the action in play⁴³), no qual pode ocorrer a primazia (o maior peso) de certos padrões sobre outros.

Mas, quando é chegado o momento de erigir um modelo propriamente dito, delineando claramente seus princípios de funcionamento, os autores se limitam a oferecer alternativas vagas e insuficientes. Com relação à metaestabilidade, Gallagher e Ryan Jr. nos fornecem, quando muito, uma promissória muito vagamente formulada – como se sabe, a ideia de metaestabilidade é usada em diversos campos de estudo para tratar de diversos aspectos acerca da plasticidade de cérebro⁴⁴. O problema aqui é o da orientação dessas transições entre os múltiplos padrões metaestáveis de ativação. No limite, ou bem as ressonâncias (ou covariações) se dão em um regime um-para-um ou é preciso explicar como se dá a seleção de um padrão possível (e eficaz, por uma análise estritamente homeostática) em detrimento de outro. Buscando uma alternativa à ordenação de classes representacionista, eles se limitam a sugerir: “Another plausible option is that a co-performance among these aspects doesn’t entail equal weight being distributed among all of them at all times. Enactivists need not rule out the idea that one factor may take the lead in certain circumstances⁴⁵. Mas, perguntemos: o que exatamente estabelece os “pesos”? Como as metas e as diferenças de relevância (com suas configurações atencionais e mnemônicas) entram na história? Pressupor a escolha e processos antecipatórios sem explicar como estes poderiam prescindir de natureza representacional e como se conectam às metas e inclinações do agente é pura e simplesmente inserir um *deus ex machina* na discussão.

Uma das fragilidades centrais do modelo está na pressuposição de que o *expert* (no caso, o músico de alta performance) já está sempre em ressonância com o ambiente de total absorção que eles chamam de “sonic world⁴⁶. Como bem nota Alva Noë, em sua crítica a Dreyfus, as dificuldades trazidas pela precariedade, pela fragilidade do acesso a esse ambiente (e ao ambiente antecipado) não são levadas em conta⁴⁷. E, desse modo, não

⁴¹ RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.8.

⁴² RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.8.

⁴³ RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.9.

⁴⁴ Já se faz presente, de uma certa forma, na teoria da individualização desenvolvida por Simondon, mas é extraída de modo mais direto, nesse caso, do trabalho neurocientífico de Karl Friston e sua abordagem da teoria dos sistemas dinâmicos e da mecânica estatística de redes complexas.

⁴⁵ RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.10.

⁴⁶ RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.9.

⁴⁷ Sobre essa fragilidade, diz Alva Noë: “It is internal to the very character of our perceptual and active involvements that they are liable, not so much to breakdown, in Dreyfus’s sense, as to error, confusion, and other stuttersteps that require precisely that one now *think* about what one is seeing and what one is doing.” (NOË, 2015, p.10)

são tratadas de modo satisfatório as técnicas, as “habilidades de acesso”⁴⁸ de que deve dispor o agente – dentre as quais parecem figurar certas metáforas e esquemas imagéticos⁴⁹. A explicação de como um agente pode dirigir seus ajustes e alterações no curso de ação fica muito insatisfatória quando o modelo procura conjugar o acionamento de esquemas motores com as seleções (eventualmente metafóricas) de aspectos relevantes do ambiente e da memória de acordo com certos propósitos – como elucidar o que se passa cognitivamente, por exemplo, em uma situação em que o acionamento de certas sequências motoras exige a imaginação de duas linhas melódicas concomitantes como um diálogo entre uma mulher e um homem? Ou em uma situação em que perceber um certo movimento de uma peça musical como a passagem de um “falar baixo da dor de uma recordação” a um “sopro de raiva, uma palpitação de revolta”⁵⁰ permite ao intérprete de Chopin alcançar a expressão técnica adequada?

Gallagher, em suas publicações recentes, mantém seu libelo contra a representação e, assim, mantém-se sobre o pano de fundo da disjunção entre uma imaginação *online* – que se confunde com a própria percepção a que se aplica – e uma imaginação *offline* – já totalmente comprometida com formas completas de conceitualização. John Sutton e colaboradores identificam as raízes de dicotomias como essa na abordagem de Dreyfus:

In finding “no place” for mindfulness in “the phenomenology of fully absorbed coping”, Dreyfus retains and underlines a fundamental dichotomy between what he elsewhere calls “two distinct kinds of intentional behaviour: deliberative, planned action, and spontaneous, transparent coping”.⁵¹

Diante do exposto, a posição que ora defendo é a de evitarmos tais dicotomias e disjunções trabalhando com a ideia de diferentes graus de atuação da imaginação na percepção. Proponho sairmos em busca de um modelo de cognição que dê conta de casos em que a performance adequada de uma ação demande ajustes ou variações na própria percepção da situação – o que pode envolver o pensamento metafórico, como vimos nos casos apresentados acima.

4. A percepção imaginativa na lida habilidosa

Já na década de 1980, R.N. Shepard notava que certas posições anti-representacionistas (como aquela assumida pela psicologia ecológica de Gibson), as quais procuram banir todo e qualquer processo *top-down* do âmbito da percepção, são reações excessivas ao modelo computacionista de mente⁵². Decerto, velharias inspiradas na concepção kantiana de representação (*repraesentatio per notes communes*), com todos os comprometimentos enumerados por Rowlands – marcadas pela presença de conteúdo interno, durável (estável), simbólico, interpretável, passivamente adquirido e destacável (*decoupleable*) de contextos específicos (*offline*), conforme vimos em nota acima – são desorientadoras. Impedem-nos de tratar a percepção de modo corporificado, atentando à diferença entre o mero estímulo sensorial e a experiência perceptual como um todo. Impedem-nos de examinar devidamente o que há de efetivamente cognitivo no âmbito

⁴⁸ NOË, Alva. “Concept Pluralism, Direct Perception, and the Fragility of Presence”. In: METZINGER, Thomas; WINDT, Jennifer (Eds). *Open MIND: 27(T)*. Frankfurt am Main: MIND, 2015, p.12.

⁴⁹ Mesmo enativistas como Hutto e Myin, conhecidos por sua defesa de um posicionamento enativista radical, reconhecem que “even the most fully engaged, enactive forms of cognition are always infused with imaginings that are needed to inform anticipatory behavior and to guide, or at least adjust, any intelligent engagements” (HUTTO; MYIN, 2017, p.196).

⁵⁰ LINS DO REGO, José. *Riacho Doce*. São Paulo: Global Editora, 2021, p.55.

⁵¹ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. “Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes”. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.89.

⁵² RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020, p.4.

sensorio-motor e que não tem e nem pode ter contraparte intelectual, forma proposicional. Porém, quando Gallagher e Lindgren fazem distinção entre metáforas enativas e metáforas conceituais, eles não vão a fundo na distinção traçada – tanto pela Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) quanto por outros modelos recentes – entre metáforas conceituais e metáforas linguisticamente expressas⁵³. Decerto, em sua formulação original, a TMC deu muita ênfase a um modelo de conceito ainda muito carregado de elementos intelectualistas, tendo como base a teoria dos protótipos, mas não há nenhum fator impeditivo para que se trabalhe, dentro de seus parâmetros, como tipos diferentes de conteúdo mental. Já fazem algumas boas décadas que o conceito de conceito vem sendo reformulado (aliás, uma das figuras de protagonismo nesse movimento é a própria Eleanor Rosch, cofundadora do enativismo) e, entretanto, o apego à velha dicotomia entre percepção e conceitualização impede Gallagher e pensadores que seguem nessa linha de explorar um cenário de “pluralismo conceitual” no qual “the presence of a thing as thought and the presence of a thing as experienced are, in this sense, different not in kind, but only in degree”⁵⁴. Nesse *framework*, diz Noë acerca da percepção visual: “It is rather that we see *with* concepts. Concepts are techniques by which we take hold and secure access. Their job is not to represent what is there; their job is to enable what is there to be present to us.”⁵⁵

E diversos são os modelos de operação cognitiva que se apresentam como postulantes ao cargo de elementos híbridos (parte percepção, parte conceitualização) nos moldes estabelecidos na seção anterior: “action-oriented representations” (propostas por Michael Wheeler) ou *body-formatted representations* (propostas por Frederique de Vignemont e Alvin Goldman), por exemplo⁵⁶. Mas não é necessário tomar partido de alguma vertente já estabelecida daquilo que Gallagher denomina “weak embodied cognition”⁵⁷. A própria concepção dos esquemas imagéticos (*image-schemas*)⁵⁸, desenvolvida no seio da Teoria da Metáfora Conceitual a partir de meados da década de

⁵³ “As we said in *Philosophy in the Flesh*, the only workable theory of representations is one in which a representation is a flexible pattern of organism-environment interactions, and not some inner mental entity that somehow gets hooked up with parts of the external world by a strange relation called ‘reference’. We reject such classic notions of representation, along with the views of meaning and reference that are built on them. Representation is a term that we try carefully to avoid.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002: 249–50)

⁵⁴ NOË, Alva. *Action in Perception*. Cambridge: The MIT Press, 2006, p.207.

⁵⁵ NOË, Alva. “Concept Pluralism, Direct Perception, and the Fragility of Presence”. In: METZINGER, Thomas; WINDT, Jennifer (Eds). *Open MIND: 27(T)*. Frankfurt am Main: MIND, 2015, p.13.

⁵⁶ Algumas vertentes do que Gallagher denomina “weak embodied cognition” oferecem figuras híbridas, parte esquemas-motores, parte representações como candidatos para o posto. Dentre elas, uma das mais contundentes é aquela denominada “action-oriented representations” (AORs). AORs, de acordo com Wheeler (2005), seriam “temporary egocentric motor maps of the environment that are fully determined by the situation-specific action required of the agent (organism or robot)” (GALLAGHER, 2008, p.353). Gallagher nota que Wheeler procura se defender contra acusações de intelectualismo afirmando que “what is represented in AORs is not knowledge that the environment is x, but knowledge of how to negotiate the environment. (ibid., p.353). Interessando-se por essa forma de resolução do problema, muitos autores proeminentes, deter eles Andy Clark, chegaram a propor que as *affordances* de que falam os enativistas não seriam senão AORs. O entusiasmo de Clark se deve a uma compatibilidade que ele enxerga entre entre AORs e a teoria do *predictive coding*. Essa teoria, como apresentada por autores como Karl Friston e Andy Clark (2015), assume que nossa cognição opera com mapas e inferências preditivas (com características proposicionais de crenças e hipóteses). A teoria, muito celebrada em neurociência, que se baseia no *insight* de que dados certos *priors* (por exemplo, memórias, crenças) e dado um certo *input* sensorial, “the brain is pictured as making top-down probabilistic inferences about the causes of that input. Predictions are then matched against ongoing sensory input. Mismatches generate prediction errors that are sent back up the line; the brain corrects for those errors, and the system adjusts dynamically back and forth until there is a relatively good fit” (GALLAGHER, 2017, p.110).

⁵⁷ GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. “Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder”. In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021, p.6.

⁵⁸ “Image-schemas are structures that recur in our everyday bodily experience. Examples include containment, paths, forces, balance, and the relations of up-down, front-back, and part-whole. We experience our body as a container when we eat; we experience paths when we walk, forces when we are pushed upon, balance when we stand upright, and so on. These image-schemas carry and transform basic bodily experiences into metaphoric concepts. The image-schema of containment, for example, “a schema consisting of a boundary distinguishing an interior from an exterior” (Lakoff 1987, p. 271), and involving movements in and out, allows us to conceptualize a number of abstract concepts.” (GALLAGHER; LINDGREN, 2015, p.395).

1980, oferta um caminho (não explorado por Gallagher, apesar de sua suposta adesão) para o desenvolvimento da ideia de uma ressonância em que a percepção é complementada por múltiplos modos de pensamento (não necessariamente proposicional). Explorar esse caminho exige que pensemos a atuação de esquemas no campo da percepção de um modo mais lato. É preciso que nos perguntemos: em que medida esquemas poderiam ser tratados como composições imaginativas capazes de constituir parcialmente certos modos de experiência perceptiva?

A busca por um modelo que nos permita elucidar as bases cognitivas nas quais metáforas podem atuar na lida habilidosa conduz à busca por uma concepção deflacionária de representação: um conteúdo não precisa ser estável para ser (parcialmente) destacável, não precisa ser passivamente adquirido para ser simbólico. Em uma versão atualizada da representação, a relação entre o sistema de estados internos e o seu alvo pode ser de isomorfismo somente parcial, contanto que se resguarde formas de controle (possível) desses estados internos sobre a ação⁵⁹. A destacabilidade pode ocorrer em diversos níveis diferentes: podendo incluir desde formas esquemáticas muito gerais (imagens puramente geométricas, diagramáticas, e orientacionais), em um extremo, e conceitualizações *full-fledged*, no outro⁶⁰. Nessas bases, nosso modelo deve nos permitir tratar com clareza aquilo que Gallagher chama de "ampliação do espaço de affordances", permitindo-nos compreender a medida segundo a qual seleções de relevância são feitas, e, assim, deve se ajustar bem aos exemplos fornecidos por Sutton e Montero. Ou seja, seguindo na direção apontada pelo próprio Gallagher, talvez possamos encontrar um modelo que explore de modo mais satisfatório a proposta complementarista de percepção.

Penso que, com os devidos ajustes (sobretudo, evitando-se os excessos representacionistas), o modelo dos simuladores multimodais desenvolvido por Lawrence Barsalou pode nos servir aqui. Um dos aspectos mais interessantes do modelo proposto por Barsalou é o papel desempenhado pelas simulações (esquemáticas) no preenchimento (*filling-in*) das informações perceptuais. Vejamos como isso se dá.

Em um extenso artigo denominado "Perceptual Symbol Systems", Lawrence Barsalou (autor já previamente conhecido pelo seu trabalho sobre conceitualizações *ad hoc* ou situadas) apresenta um modelo de cognição de cunho não intelectualista, no qual procura romper com o paradigma de que a percepção é mero sistema de registro e de que operações intelectuais superiores (como a conceitualização) são inteiramente estáveis e amodais⁶¹. Sua proposta é de um sistema de caráter cíclico ou de retroalimentação no qual conceitos são simuladores multimodais que, assim como devém de certas percepções, também atuam na complementação, no preenchimento de outras percepções. Barsalou denomina "símbolos perceptuais" as extrações esquemáticas de propriedades, objetos, estados, eventos e relações experienciados, a um só tempo, nas percepções brutas ou cruas (*raw*) e nos preenchimentos das mesmas com informações *top-down* (símbolos perceptuais estabelecidos anteriormente)⁶². Todo esse processo *bottom-up* é caracterizado

⁵⁹ RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. "Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?". In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147. (june) 2020, p.4.

⁶⁰ A escuta do instrumento não se altera quando o instrumentista percebe o instrumento por meio de uma personificação, quando ele efetivamente escuta o som emitido como uma ou mais vozes? Rende um interessante estudo empírico a comparação dos padrões neurofisiológicos em casos de pareidolia e em casos de prosopopéia.

⁶¹ Trata-se de um claro desafio ao célebre modelo de Fodor, segundo o qual conceitos são alocados em um sistema central amodal, i.e., um sistema distinto das fontes de *input* sensorial e capaz de integrar essas diversas fontes, organizando semanticamente seus conteúdos. Um dos trunfos da empreitada de Barsalou, em oposição a esse modelo, é o seu alinhamento com certos resultados da recentes da neurociência que conduziram à 'massive redeployment hypothesis' (Michael Anderson) e que reafirmam o conceito evolucionista de exaptação.

⁶² As expressões "extração esquemática" e "filtragem" são empregadas por Barsalou de um modo muito peculiar (BARSALOU, 1999, p. 584 e p.593) dizendo respeito não a algum tipo de abstração e catalogação mnemônica de propriedades essenciais, taxonomicamente ordenadas, mas a certas operações cognitivas que se caracterizam como registros "of the neural states that underlie perception" (BARSALOU, 1999, p.578) ou, ainda, do registro de um pequeno subconjunto coerente do estado cerebral (*ibid.*, p.583). Ele evita traçar aproximações entre tais representações e "physical pictures" e imagens mentais, preferindo caracterizá-las como "esquemáticas" em um sentido lato. Os símbolos perceptuais, a base de seu modelo cognitivo, representariam "schematic components of perceptual experience" (*ibid.*, p.582).

como um processo contínuo de extração ou filtragem, porém, no sentido de uma destacabilidade sempre parcial, esquemática. A culminância da extração seria a formação de *frames*⁶³ (conjuntos ordenados de simuladores capazes de exercer domínio *overarching* sobre pensamentos e percepções⁶⁴. Os *frames* atuariam como simuladores, e operariam na ativação (na memória operatória) de simulações de esquemas de objetos, estados e eventos experienciados, podendo chegar a níveis mais elementares de simulações de características perceptuais e mesmo da percepção bruta. Essas simulações, como já foi antecipado, atuam preenchendo de forma *top-down* intuições empíricas.

Memories of similar experiences are organized around integrated systems of perceptual symbols called *frames* or *schemas*. Schemas and their associated perceptual symbols develop into *simulators* capable of producing limitless simulations of various experiences and concepts. It is through these simulations that we 'remember' (reconstruct) actual events and fill in the gaps in direct experience, and it is also through these simulations that we imagine events we have not actually experienced, including future events and impossible events.⁶⁵

Fica, pois, patente que o *framework* proposto por Barsalou é simulacionista. Conceitos não seriam conteúdos mentais rígidos e propriamente *offline*. Dado que não há ruptura com a natureza modal das percepções⁶⁶, os conceitos seriam simuladores multimodais. E, do modo como compreendo, todo o processo de abstração no modelo proposto por Barsalou é esquematizante por excelência⁶⁷. Não só conceitos teriam natureza esquemática, mas os próprios *frames* seriam esquemas condicionantes de ordem superior. É importante sublinhar o forte comprometimento das concepções do autor com uma cognição corporificada e situada. Seus estudos anteriores, os quais exploram detidamente os aspectos *goal-derived* da conceitualização, desaguam em um modelo de cognição no qual são as demandas da situação que determinam grande parte das informações reunidas na forma de símbolos perceptuais que serão selecionadas para o estabelecimento *ad hoc* de uma simulação. Essa diferença entre simulador e simulação, aliás, é fundamental. Ninguém em nenhuma situação tem acesso à totalidade dos símbolos perceptuais que se deixam reunir sob um simulador (conceito). São as situações (parcialmente organizadas por preenchimentos anteriores) que determinam quais são os aspectos relevantes do conceito que serão acionados e usados para preenchimento ou complementação (*fill-in*) atual dos dados que vêm dos sentidos.

Um primeiro trunfo do modelo de Barsalou, sob o ponto de vista de uma teoria da metáfora, está em libertarmos os conceitos não somente da rígida doutrina das definições e propriedades necessárias e suficientes (o modelo clássico, essencialista), mas também da própria forma dos itens lexicais (o que abre espaço para diversos modos não lexicalizados de associação entre informações sensório-motoras). Surge uma via de conexão entre a seleção metafórica de aspectos relevantes e as urgências e metas da situação (em diversas dimensões sensório-motoras, incluindo dimensões afetivas, interoceptivas e propioceptivas). Um segundo trunfo se apresenta no modo como Barsalou se apropria do conceito de gibsoniano de *affordance*, desviando sensivelmente da abordagem enativista. De acordo com ele, as extrações esquemáticas que dão origem aos símbolos perceptuais resguardariam certas *affordances*.

⁶³ "At the cognitive level, a 'frame' is a schema, usually a higher-level schema or organized set of schemas, that dominates the cognitive context, the contents of short-term memory, and thus influences which elements of a perception will be attended to as well as which elements of a concept will be activated by a perceptual simulator." (RITCHIE, 2006, p.105)

⁶⁴ BARSALOU, Lawrence. "Perceptual symbol systems". In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.586.

⁶⁵ RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.100.

⁶⁶ "Barsalou (1999a) claims that cognition is inherently perceptual, and relies on 'perceptual symbols', activated neural groups distributed throughout the sensory and motor areas of the brain." (RITCHIE, 2006, p.98).

⁶⁷ "Rather than containing an entire holistic representation of a perceptual brain state, a perceptual symbol contains only a schematic aspect." (BARSALOU, 1999, p.583)

Deriving categorical inferences successfully requires that simulations preserve at least some of the affordances present in actual sensory-motor experiences with category members (cf. Gibson 1979; also see S. Edelman 1998). To the extent that simulations capture affordances from perception and action, successful reasoning about physical situations can proceed in their absence (Glenberg 1997; Glenberg et al. 1998b; Newton 1996).⁶⁸

Em complemento a essa ideia, Barsalou chega a afirmar que as *affordances* são fruto da fusão entre dados sensoriais brutos e simulações (envolvendo ou não inferências)⁶⁹. Ou seja, ele defende a tese de que assim como outras propriedades dos objetos, *affordances* podem ser, ao menos em parte, simuladas⁷⁰. Decerto, essa abordagem é bem pouco gibsoniana, tendo em vista que Gibson elabora o conceito de *affordance* justamente com o fito de caracterizar uma percepção direta, não mediada ou mediável por componentes intelectuais. Mas Barsalou acena, em sua defesa, com os resultados dos estudos de Glenberg e colaboradores, os quais trazem fortes evidências empíricas de que “*affordances derived from sensory-motor simulations are essential to semantic processing*”⁷¹.

Por fim, é interessante notar que Barsalou também faz uma incursão na discussão acerca da lida habilidosa e que uma de suas preocupações é com a constituição de um modelo que comporte bem a antecipação perceptual que autores como Glenberg e Neisser denominam “*priming*”⁷². Seu modelo conduz a uma compreensão da expertise a partir da qual “*experts retrieve compiled simulations that achieve goals*”, levando-se em conta que esses “*simulated plans run slightly ahead of perception*”⁷³.

Mas, para retornarmos ao nosso tema da metáfora na lida habilidosa – agora de posse de um modelo mais satisfatório – resta ainda lidarmos uma questão fundamental: o que exatamente condiciona e limita a associação – no ver-como (ou perceber-como) metafórico – entre uma determinada simulação esquemática e determinados estímulos perceptuais? Em outras palavras: como o modelo de Barsalou nos permitirá superar as obscuridades deixadas pelo enativismo a respeito da seleção metafórica de aspectos relevantes? A questão é espinhosa, mas gostaria de tentar aqui uma saída pela velha e boa associação por semelhança – não só para testar os *insights* de Wittgenstein acerca do ver-como, mas também para fazer jus às inúmeras discussões sobre o tema no âmbito da Teoria da Metáfora desde os tempos de Aristóteles⁷⁴, Cícero e Quintiliano. Contudo, minha proposta é de uma repaginação considerável da matéria.

Na esteira de uma abordagem simulacionista e situada (e pluralista) dos processos cognitivos de conceitualização, cabe bem (à revelia de uma concepção mais conservadora de Barsalou a esse respeito⁷⁵) uma abordagem pluralista da semelhança. E é esse pluralismo que pode nos ajudar a explicar com mais propriedade aquilo que Gallagher entende como as novas “possibilidades” sensorio-motoras proporcionadas pela ampliação metafórica do “espaço de *affordances*” de que tratamos acima. No sistema de Barsalou há muito claramente um lugar para operações de identificação e comparação. Isso se daria, no seu modo mais básico, entre objetos, eventos e estados experienciados e entre as

⁶⁸ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, pp. 587-588.

⁶⁹ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, pp. 595.

⁷⁰ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.605.

⁷¹ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, pp. 579.

⁷² BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.604.

⁷³ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.605.

⁷⁴ “but much the greatest asset is a capacity for metaphor. This alone cannot be acquired from another, and is a sign of natural gifts: because to use metaphor well is to discern similarities” (ARISTÓTELES, 2005, 1459a).

⁷⁵ Barsalou lança mão de um vocabulário e de um quadro conceitual que, por vezes, fazem com que ele traia a sua abordagem antiintelectualista. Ele fala insistentemente em uma tendência à formação de “categorias” um tanto estanques, usa de modo leviano o conceito de representação, e tende a tratar das relações de associação em geral como inferências. Considero essa indistinção entre a associação inferencial e outras formas (inclusive não representacionais) de associação um dos maiores problemas de seu modelo.

simulações esquemáticas de objetos, eventos e estados acessíveis na memória em uma dada situação. Mas nada é dito sobre a existência de diferentes formas de associação por semelhança entre percepções e simulações. Barsalou parece se ater àqueles modos de associação que conduzem às categorias convencionais de nosso sistema de linguagem. Chamemos esses padrões de “padrões taxonomizantes” (literalizantes) de reunião de semelhanças – aqueles que seguimos quando nossa meta ou inclinação é, por alguma razão, reunir a maior quantidade de características comuns a dois ou mais objetos. Tendo em vista que metáforas são transgressões dos modos convencionais de percepção e conceitualização, essa concepção de semelhança se mostra um tanto insuficiente.

Em artigo publicado anteriormente, procurei mostrar que as obras de Ernst Cassirer e Owen Barfield, bem como certos experimentos em Psicologia Cognitiva (como aqueles levados a cabo por Lucariello e Nelson) conduzem a uma concepção alternativa de semelhança⁷⁶. Associações por semelhança, para além dos padrões taxonômicos, podem ser orientadas por padrões teleológicos ou funcionais. Nesse caso, não é o maior número de características comuns entre os objetos o que interessa e sim certas equivalências funcionais que, uma vez percebidas como tais, permitem-nos alterar nossa lida (conferido a ela mais eficácia). Operações cognitivas com essa natureza exigem habilidades de alteração das formas da atenção e dos modos de acessibilidade da memória. Minha tese é de que as metáforas de que tratamos acima se constituem nas bases de associações não inferenciais de semelhança – por oposição aos padrões comparativos e taxonômicos de detecção de semelhança. Uma questão que aí se insinua é se podemos, como faz Barsalou, falar em *affordances* virtuais de cunho esquemático. Se este é o caso, poderíamos falar em semelhanças entre *affordances*, i.e., entre as *affordances* sensorialmente apresentadas e as virtuais ou simuladas (esquemáticamente organizadas e condicionadas por esquemas de ordem hierarquicamente superior, os *event-frames*). De todo o modo, não é preciso disputar a destacabilidade das *affordances* propriamente⁷⁷. Para que o modelo funcione, basta que se conceda que habilidades de perceber-como nos permitem encontrar semelhanças *ad hoc* (situacionalmente dependentes, *goal-derived*) entre as formas esquemáticas (ou simulações) em nossa memória e as percepções imediatas do ambiente.

Isso posto, façamos uma breve recapitulação: é de fundamental importância atentarmos aos seguintes aspectos do modelo proposto por Barsalou para compreendermos como ele nos permite superar os problemas indicados na concepção enativista de metáfora: 1) a multimodalidade e a ordenação hierárquica dos símbolos perceptuais ou simuladores; 2) o caráter esquemático da abstração e do preenchimento; 3) esses dois pontos, acrescentarei, ao fim dessa seção, um terceiro: a brecha para o anti-essencialismo (notada por David Ritchie). Metáforas usualmente conferem relevância a simuladores secundários em detrimento de simuladores primários (“defining attributes”).⁷⁸

A concepção de representação atacada (com razão) por Gallagher e tantos outros enativistas, é necessariamente amodal. Essa amodalidade é o sustentáculo de uma concepção clássica de pensamento conceitual (muito pautada pela forma das estruturas linguísticas). Mas Barsalou sai em defesa da existência de “representações perceptuais” e visa justamente superar as teorias que “are typically viewed as containing only static representations, not dynamic ones”⁷⁹. A ruptura com a amodalidade abre caminho para um conceito de conceito que engloba “spatiotemporal relations and transformations”⁸⁰ e

⁷⁶ “Autor”

⁷⁷ Ainda que, a meu ver, um forte argumento a favor da virtualidade das *affordances* seja o seguinte: que as *affordances* sejam parcialmente portáteis (ou destacáveis) é condição para casos de conceitualização *ad hoc*. E, ainda que não se queira falar em *affordances*, penso que, em alguma medida, elementos da situação devem ser destacáveis, posto que determinações de relevância a partir de *goals* devem poder ser memorizadas. Do contrário, não poderíamos falar em conceitos *goal-derived* e, por decorrência, torna-se muito difícil explicar o que orienta ajustes e correções de cursos de ação.

⁷⁸ RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.169.

⁷⁹ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p. 581.

⁸⁰ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.604.

que admite a seleção concomitante de simulações sensório-motoras de diversas naturezas – ou seja: afetos e configurações proprioceptivas, por exemplo, podem compor (atrelados a simuladores linguísticos ou não) um conceito e podem mesmo dominar o curso das operações cognitivas em uma determinada situação.

É importante sublinhar que, em diversas ocasiões, tais esquemas multimodais preencheriam a percepção mais ao nível de sua forma do que ao nível de seu conteúdo. O papel semântico desempenhado pela atenção é central nesse modo de preenchimento: “as a simulator produces a simulation, it controls attention across the simulation. Thus, attention becomes a semantic feature, as when it focuses on the upper versus the lower region of the same spatial representation to distinguish *above* from *below*”⁸¹. Um exemplo interessante de como simulações, em sua relação de fusionamento preenchedor com a percepção, podem orientar a atenção na lida habilidosa pode ser encontrado em *O Velho e o Mar*, de Hemingway. Em sua expertise, o pescador Santiago ajusta sua percepção, passando a ver a trajetória do espadarte como uma trajetória circular⁸² e a contar os círculos imaginários antes de puxar o peixe. E, se aí temos um preenchimento ainda não propriamente metafórico, o mesmo não pode ser dito dos diversos momentos em que a personificação (prosopopéia) do peixe licencia ou interdita certas ações do pescador.⁸⁴

Com relação à brecha para o anti-essencialismo, cabe ressaltar que a produtividade *top-down*, de acordo com Barsalou, “is not limited to filling in schematic regions but can also result from replacements, transformations, and deletions of existing structure”⁸⁵ e poderia resultar em propriedades emergentes que refletem as “affordances captured through the schematic symbol formation process”⁸⁶. Nessa esteira, David Ritchie propõe uma aplicação dos modelos às metáforas, ressaltando que as mesmas podem se constituir como formas de associação *ad hoc* em que não se busca semelhanças entre os “defining atributes”⁸⁷ dos objetos percebidos e pensados e sim as semelhanças entre o que ele chama de “simuladores secundários”⁸⁸. Ritchie nota que, no limite, as metáforas podem, inclusive, promover o *frame-shifting*⁸⁹ – supressão de um elemento-chave do contexto cognitivo e introdução de outro.⁹⁰

5. Conclusão

⁸¹ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.604.

⁸² HEMINGWAY, Ernst. *The Old Man and the Sea*. New York: Scribner, 2003, p.84.

⁸³ O exemplo do pescador parece-me um ótimo exemplo de como a imaginação pode atuar na percepção sem articular representações propriamente ditas. Minha hipótese é de que temos aí um modo muito elementar de atuação *top-down*, um modo que talvez possamos chamar de “geometrizar” ou “diagramático”, no qual imaginar ainda é muito mais perceber (organizando em uma unidade esquemática) do que conceitualizar. Permito-me aqui uma especulação livre à maneira de convite para possíveis investigações empíricas: em termos neurocientíficos, talvez possamos falar da destacabilidade de certos padrões imagéticos muito simples formados nas áreas corticais primárias de cada módulo sensorial – por exemplo, certos padrões geométricos e diagramáticos formados na área visual primária do lobo occipital – e na simulação dos mesmos no momento logo anterior (e mesmo durante) à execução de uma ação habilidosa.

⁸⁴ P.ex.: HEMINGWAY, Ernst. *The Old Man and the Sea*. New York: Scribner, 2003, p.75; p.92.

⁸⁵ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p. 593.

⁸⁶ BARSALOU, Lawrence. “Perceptual symbol systems”. In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, p.594.

⁸⁷ RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.169.

⁸⁸ RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.126.

⁸⁹ De acordo com Ritchie, assim como um *frame* pode controlar a interpretação de um estímulo, um estímulo (incluindo mensagens) pode alterar ou mudar inteiramente o *frame* – “a process Coulson (2001) calls ‘*frame shifting*’” (RITCHIE, 2006, p. 106). Ele nota que certas metáforas vão “beyond merely activating a series of perceptual, proprioceptive and emotional qualia, visual images, sounds and emotions”. Além de serem capazes de ativar todo esse rol de simuladores de tipos distintos, “they evoke full frames associated with these simulators and link the frames themselves together in a way that enables each to transform the others.” (RITCHIE, 2006, p.166).

⁹⁰ RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.168.

⁹¹ A produtividade *top-down*, de acordo com Barsalou, “is not limited to filling in schematic regions but can also result from replacements, transformations, and deletions of existing structure” (BARSALOU, 1999, p.593) e poderia resultar em propriedades emergentes que refletem as “affordances captured through the schematic symbol formation process” (ibid., p.594)

Procurei reunir, ao longo desse trabalho, elementos suficientes para a defesa da tese de que certas metáforas podem atuar com grande impacto na cognição básica e que, quando assim ocorrem, as mesmas se constituem como habilidades proto-conceituais (para usar termo cunhado por Noë⁹²) envolvendo a complementação da percepção por esquemas (simulações) mediante certas formas de associação por semelhança de cunho teleológico⁹³. O modelo que procurei delinear é aquele segundo o qual metáforas *podem* atuar em lidas habilidosas quando essas exigem ajuste ou transformação imaginativa da percepção – operação que usualmente exprimimos em linguagem mediante construções como “ver x como y” (ou, para respeitar a multimodalidade, e enfraquecer um pouco a hegemonia teórica da visão, “perceber x como y”). Nesse processo, o agente associa elementos virtuais (ou simulados) e elementos atuais (ou intuídos) por meio de semelhanças funcionais (teleologicamente orientadas). Em casos assim, as seleções de aspectos relevantes se deixariam condicionar não somente pela natureza da situação ambiental (e as *affordances* atualmente disponíveis), mas também pela natureza da situação esquemática (ou *event-frame*) que melhor se adequa à meta ou inclinação do agente.

É enorme a variedade de situações em que metáforas e esquematizações figuradas em geral podem exercer protagonismo no “rapid switching of modes and styles *within* the performance context”⁹⁴. Entro em acordo com Sutton quando ele sublinha que, em muitos casos, “skill is not a matter of bypassing explicit thought, to let habitual or grooved actions run entirely on their own, but of building and accessing flexible links between knowing and doing”⁹⁵. Afinado com essa tese, procurei mostrar, nesse texto, que o estudo do papel da metáfora na constituição e acesso desses “links flexíveis” é de suma importância para os atuais estudos da cognição corporificada.

A questão do perseguir uma meta (*goal*) durante a lida habilidosa, é de difícil tratamento no *framework* enativista tecido por Gallagher. Por um lado, é muito insuficiente a afirmação de que a meta está embutida no próprio *know-how* habitual – se esse é o caso, reorientações e aperfeiçoamentos da ação para a conquista da meta seriam impossíveis – por outro lado, não se admite que a meta seja algo de ordem conceitual, ao menos enquanto elemento da lida habilidosa. Penso que o modelo proposto oferece uma saída para esse dilema. A ordenação hierárquica dos simuladores permite a alocação das metas e inclinações como componentes multimodais de certos *frames* de fundo (*overarching frames*) – com destaque para os *frames* de eventos. Não devemos deixar de notar que a multimodalidade dos conceitos permite abarcar esquemas e *frames* não representacionais: afetivos, interoceptivos ou proprioceptivos – posto que haveria símbolos perceptuais de todos esses tipos. E nos permite também abarcar imagens esquemáticas ou proto-imagens que não deveriam ser denominadas “representações” na acepção proposta por Gallagher. Tais esquemas e *frames*, em todas essas formas, poderiam anteceder e coocorrer em cada ato que compõe a lida habilidosa, orientando-a imaginativamente, quando necessário.

Creio que o modelo exposto apresenta também uma via de superação da ideia antiquada de que a associação por semelhança é um processo cognitivo que não ocorre na cognição básica (e esse, como vimos, é um pressuposto problemático de Gallagher). A proposta é de trabalharmos com uma concepção pluralista de semelhança – o que pode incluir semelhanças não entre objetos, mas entre *frames* das mais diversas modalidades, inclusive envolvendo simuladores e simulações afetivas, interoceptivas e proprioceptivas.

⁹² RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p.183.

⁹³ Note-se que, ao empregar o termo “associação”, evito falar em inferência (que consistiria em um certo tipo de associação envolvendo conteúdo proposicional e toda uma normatividade lógica).

⁹⁴ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. “Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes”. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.93.

⁹⁵ SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. “Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes”. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, p.95.

As semelhanças entre *affordances* e formas esquemáticas de *affordances*, ao que tudo indica, têm papel central no estudo da atuação de metáforas no âmbito sensorio-motor. Nessas bases, penso, não há razões suficientes para assumir que o processo cognitivo de percepção de semelhanças deva envolver necessariamente inferências e conteúdos proposicionais. Tais vícios da tradição representacionista/essencialista precisam ser expostos e desafiados.

Referências

ARISTÓTELES. *Poetics*. IN: HALLIWELL, Stephen(ed.). The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

BARSALOU, Lawrence. "Perceptual symbol systems". In: *Behavioral and Brain Sciences*, v. 22, 1999, pp. 577-609.

_____. "Ad Hoc Categories". In: *Memory & Cognition*, v.11, n.3, 1983, pp. 211-227.

_____. "Situated conceptualization". In: COHEN, H.C.; LEFEBVRE, C. (ed.) *Handbook of Categorization in Cognitive Science*. Amsterdam: Elsevier, 2005, p. 619-636.

CLARK, Andy. "Embodied Prediction". In: METZINGER, Thomas.; WINDT, Jennifer. M. (Eds). *Open MIND: 7(T)*. Frankfurt am Main: MIND, 2015, pp. 1-21.

DI PAOLO, Ezequiel; CUFFARI, Elena.; DE JAEGER, Hanne., *Linguistic Bodies: The Continuity Between Life and Language*. Cambridge: MIT Press, 2018.

GALLAGHER, Shaun. *Enactivist Interventions: Rethinking the Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

_____. "Are Minimal Representations Still Representations?". In: *International Journal of Philosophical Studies*. 16:3, 2008, pp.351-369.

GALLAGHER, Shaun.; LINDGREN, Robb. "Enactive Metaphors: Learning Through Full-Body Engagement". In: *Educational Psychology Review*, v. 27, 2015, pp. 391-404.

GALLAGHER, Shaun.; RUCINSKA, Zuzanna.; FONDELLI, Thomas. "Embodied Imagination and Metaphor Use in Autism Spectrum Disorder". In: *Healthcare*, v.9, n.200, 2021.

HEMINGWAY, Ernst. *The Old Man and the Sea*. New York: Scribner, 2003.

HUTTO, Daniel.; MYIN, Eric. *Evolving Enactivism: Basic Minds Meet Content*. Cambridge: MIT Press, 2017.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

KÖVECSES, Zoltan. *Where Metaphors Come From: reconsidering context in metaphor*. New York: Oxford University Press, 2015.

LINS DO REGO, José. *Riacho Doce*. São Paulo: Global Editora, 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MONTEIRO, Barbara; TONER, John.; MORAN, Aidan. “Considering the role of cognitive control in expert performance”. In: *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 14 (4), 2014, p. 1127–1144.

MONTERO, Barbara. *Thought in Action Expertise and the Conscious Mind*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

NOË, Alva. *Action in Perception*. Cambridge: The MIT Press, 2006.

_____. “Concept Pluralism, Direct Perception, and the Fragility of Presence”. In: METZINGER, Thomas; WINDT, Jennifer (Eds). *Open MIND: 27(T)*. Frankfurt am Main: MIND, 2015.

RITCHIE, David. *Context and Connection in Metaphor*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

RYAN JR., Kevin; GALLAGHER, Shaun. “Between Ecological Psychology and Enactivism: Is There Resonance?”. In: *Frontiers in Psychology*, v.11: 1147, (june) 2020.

SEARLE, John. “Metaphor”. In: JOHNSON, Mark (Ed.). *Philosophical Perspectives on Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

SUTTON, John; McLLWAIN, Doris; CHRISTENSEN, Wayne; GEEVES, Andrew. “Applying intelligence to the reflexes: embodied skills and habits between Dreyfus and Descartes”. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 42, 2011, pp.78–103.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Remarks on Philosophy of Psychology*. G.E.M. Anscombe e G.H. von Wright (Eds.). Trad. G.E.M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus; Tagebücher 1914-1916; Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, (Suhrkamp Taschenbuch wissenschaft, v.501), 2006.

Doutor em Filosofia (UFRJ, 2012)
Professor Adjunto, Universidade Federal Fluminense
E-mail: diogo.gurgel@gmail.com
Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0003-4970-663X>